

## DA SINTAXE À SEMÂNTICA DISCURSIVA: UM ESTUDO DO CONTO NÓS, O PISTOLEIRO, NÃO DEVEMOS TER PIEDADE, DE MOACYR SCLiar

Augusto Gaioski\*

### Resumo

Este estudo pretende apresentar uma análise do conto do escritor gaúcho, por meio da descrição dos seus componentes narrativos e discursivos, a fim de estabelecer a sua configuração semiótica.

**PALAVRAS-CHAVE:** gringo, mexicano, pistoleiro.

### Abstract

This study has the purpose to analyze the tale written by the gaúcho author, through a description of its narrative and discursive components to establish its semiotic configuration.

**KEY WORDS:** gringo, mexican, pistoleer.

### Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise do conto *Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade*, de Moacyr Scliar, através da descrição dos seus componentes narrativos e discursivos, estabelecendo uma configuração semiótica do conto.

Para a concretização deste estudo, proceder-se-á a uma análise dos diversos componentes semióticos do conto, como a sintaxe narrativa e discursiva e a semântica narrativa e discursiva, para chegar à sua essência temática.

Espera-se, a partir daí, compreender melhor a estética literária presente no conto escrito pelo autor gaúcho contemporâneo, bem como oferecer uma pequena parcela de contribuição para eventuais

estudos sobre a sua produção literária, vista sob prisma semiótico.

### 1. A segmentação sintático-semântica narrativa

#### 1.1. O plano do enunciado

A história do conto concentra-se na figura de um pistoleiro. Ele é chamado de *gringo* e se considera temível. Enquanto está tomando uísque num bar de uma pequena cidade do Texas, reflete sobre a sua vida passada e sente remorsos por causa das mortes que realizou. Nisso, entra um mexicano chamado *Alonso* que o provoca para a briga. O pistoleiro afirma que não quer matar mais ninguém; entretanto, diante da provocação insistente do mexicano, vê-se obrigado a aceitar o desafio. Combinam um duelo para o dia seguinte. O pistoleiro se acha superior ao mexicano e o imagina morto. Todavia, na hora do enfrentamento, uma lágrima cai dos seus olhos, ele não saca a arma e é morto pelo mexicano. A história termina com a frase: “Nós, o pistoleiro, não *devíamos* ter piedade.”

A narrativa do conto, apesar de os fatos estarem dispostos pela ordem cronológica, não é linear, pois não há coincidência entre o início da trama - a história esteticamente apresentada - e o início da fábula propriamente dita - a história do conto narrada cronologicamente.

O conto inicia com uma narrativa, cujo percurso já vem, pelo menos subentendido, há algum

\*Mestre em Língua Portuguesa. Docente da UNIPAR.

Endereço: Praça Mascarenhas de Moraes, s/nº - CEP 87.502-210 - Umuarama - Pr.

tempo. O relato dos acontecimentos se inicia quando o pistoleiro já havia realizado “muitas mortes” no passado. Portanto, já havia uma história anterior. O conto pode ser considerado como um episódio a mais de uma história que já vinha do seu passado. É através de um olhar retrospectivo que o narrador informa o leitor sobre os seus “remorsos”.

O texto está organizado num programa narrativo que simula o fazer do homem que pretende transformar-se. Assim, o conto registra um estado inicial do sujeito que se apresenta, num tempo presente, como “temível pistoleiro” e que age sobre o mundo que o rodeia, manipulando-o pelo seu estado de poder, retratado pela palavra “temível”.

A narrativa apresenta, então, uma sucessão de acontecimentos que vão estabelecendo uma relação de conflito entre o sujeito e o objeto, este representado pela vontade de transformar-se, ou seja, de “não querer matar mais ninguém.” O sujeito, no enunciado de estado inicial, mantém a relação de junção com o objeto, isto é, ele é pistoleiro temível que mata, conforme se observa no primeiro parágrafo: “Nós somos um temível pistoleiro... Em nosso passado há muitas mortes.” Esse estado, porém, se transforma: “Temos remorsos”. Então ele passa de um estado conjuntivo para um estado disjuntivo: *o que mata não quer matar mais*.

Num segundo momento, a narrativa ganha um fato novo: o aparecimento do mexicano Alonso. Ele vem para provocar, para manipular o pistoleiro a quem ele chama de *gringo*. Este, contudo, mantém o seu propósito de não querer matar mais ninguém. Ele está transformado. Todavia a provocação do mexicano é tamanha que ele volta ao seu estado inicial e resolve “abrir uma exceção para Alonso, cão mexicano.” A partir daí, a narrativa descreve o fazer do pistoleiro até a hora do duelo programado para o dia seguinte. Há todo um aparato caracterizador das ações realizadas entre a proposta do duelo e a sua execução. Figurativiza-se todo o contexto que envolve o pistoleiro: ele bebe o uísque, atira uma moeda de ouro sobre o balcão, caminha lentamente em direção ao hotel, a população o olha, no quarto, deita-se vestido, de botas, etc.

Num terceiro momento, a narrativa encerra a história com o resultado da mudança que se realizou no pistoleiro, a sua disjunção com a vida e com o tipo de ações que praticava. Por isso, ele

conclui: “Nós, o pistoleiro, não *devíamos* ter piedade.” O que foi disfórico (matar) transformou-se numa euforia (não matar mais), embora isto lhe custasse a vida.

## 1.2. Plano da enunciação

O conto é narrado em primeira pessoa do plural. O narrador, que se identifica como o protagonista do conto, domina a ação. Por ele se conhece tudo o que se passa no conto, inclusive os pensamentos do seu antagonista: “Vê muitas mortes em nossos olhos. É o que ele vê.”

O narrador realiza uma reflexão sobre os seus próprios sentimentos que o movem para a mudança: “Temos remorsos... Não queríamos matar mais.” A sua conduta em todo o episódio é de um sujeito muito seguro de si, que matou e que resolveu parar de matar e que se acha invencível: “Sabe que somos um temível pistoleiro.”

A narração dos fatos é intercalada por comentários sobre pensamentos e estados psicológicos das pessoas que estão ao seu redor: “A população nos olha. Sabe que somos um temível pistoleiro.” E, nesse processo, cruza-se a fala do narrador com a do protagonista, como nos exemplos: “Pobre mexicano, pobre Alonso... Pobre diabo... Que coisa triste.” Estas expressões interjeitivas, embora não estejam pontuadas com o ponto-de-exclamação, como esperaria o leitor, têm a força emocional própria da linguagem do falante. A bivocalidade discursiva, conforme teoria bakhtiniana, produz um efeito dramático maior. A ressonância das duas vozes na fala do narrador, a sua, representada pelo *nós*, e a da personagem, também representada pelo *nós*, remete o leitor ao conceito do discurso objetivado, “discurso da personagem representada” (Barros e Fiorin, 1999: 35).

O conto apresenta alguns usos vocabulares típicos do contexto dos pistoleiros do Texas, tais como *gringo*, *cão mexicano*. Isso leva a crer que Moacyr Scliar tenha pretendido salvaguardar a dramaticidade da ação, mantendo a peculiaridade da linguagem usada pelos mexicanos.

O discurso realiza-se pelas relações que se estabelecem no uso da língua. O uso lingüístico, segundo E. Orlandi, (1987:102), “*implica atitudes*” que compreendem a determinação de valores

relacionados à língua.

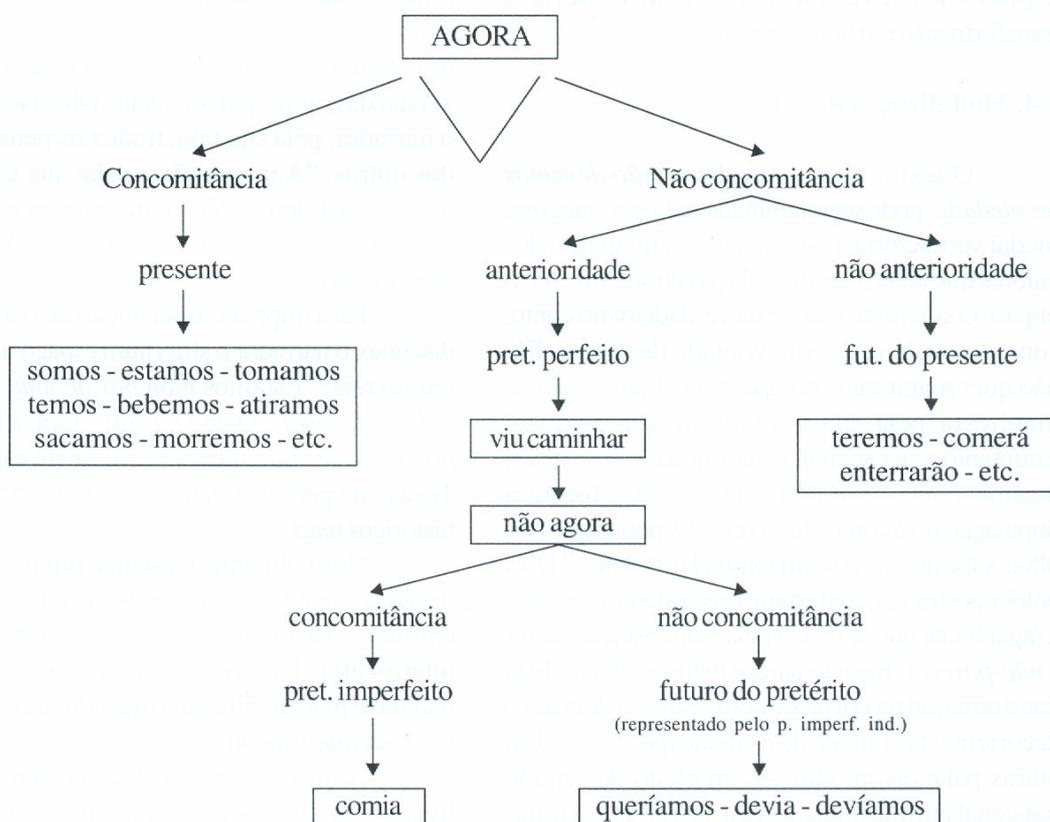
Remetendo ao texto de Scliar, verifica-se que os verbos que expressam o enunciado de estado estão no tempo presente; e os que operam a passagem de um estado a outro, estão no passado. Para ilustrar este procedimento, observem-se estas frases do texto:

“Nós *somos* um temível pistoleiro...*Estamos* num bar... Nós *temos* um olhar soturno... *Continuamos* bebendo... *Temos* os olhos turvos, etc.”

“Não *queríamos* matar mais... Não *devia* nos ter dado... Não *devíamos* ter piedade.”  
Importante é notar que os verbos *queríamos*, *devia*

e *devíamos* têm valor de futuro do pretérito. Num texto técnico, seriam conjugados com as formas: *quereríamos*, *deveria* e *deveríamos*. O que significa isso no conto? Sem dúvida este emprego verbal tem a intenção de caracterizar a maneira expressiva familiar do protagonista que se confunde com a do narrador. O uso do pretérito imperfeito do indicativo justifica a fala da personagem e não do narrador, por isso ela tem a feição da linguagem coloquial.

Se se observar a articulação temporal utilizada na constituição do discurso do texto, poder-se-á verificar as seguintes relações:



### 1.3. Modalização do fazer

Segundo Diana Luz Pessoa de Barros, “As relações do sujeito com os valores podem ser modificadas por determinações modais” (1990: 42). Estas modalizações podem ser caracterizadas tanto pelo *fazer* quanto pelo *ser*. Uma e outra admitem quatro modalidades: o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*.

No conto de Moacyr Scliar, o destinador é a vontade de ter *piedade*. O sujeito é o *pistoleiro*, detentor desta vontade, que é manipulado por ela para mudar. Assim, ele adquire a competência, sabe-fazer, quer-fazer e poder-fazer a mudança. Contudo, o mexicano age contra esse estado do *pistoleiro* e exerce uma manipulação contrária: provoca-o para um duelo. O *pistoleiro*, inicialmente, hesita em dever-fazer ou não a sua

mudança. E acaba sendo manipulado pelo mexicano: aceita o duelo, como exceção. Quer dizer, psicologicamente, ele já estava mudado. A sua performance indica uma mudança real, apesar de a provocação do mexicano tê-lo dominado, levando-o ao propósito de matar. O fato é que se constata que a sua performance se realizou, uma vez que, na hora da decisão, resolveu não sacar a arma e morrer em nome da piedade. Este fato justifica por si só a transformação operada no pistoleiro que entra em conjunção com a piedade e em disjunção com objeto modal anterior, ou seja, a crueldade. Entretanto, é bom ressaltar que, neste conto, a sanção corresponde a um castigo e não a um prêmio, pois o pistoleiro teve que pagar com a morte a transformação em homem piedoso.

#### 1.4. Modalização do ser

O texto: *Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade*, pode ser examinado pela sua categoria modal veridictória, isto é, quanto à articulação dos valores que determinam a relação do sujeito com o objeto. O sujeito se manifesta verdadeiro no conto, como verdadeira é a sua vontade de mudar. Ele não quer matar mais ninguém. O objeto-valor se manifesta pela sua vontade de ser piedoso. Entretanto a sua aparência não ajuda. Ele se vê a si mesmo como “temível”. Da mesma forma a população o vê como “temível”: “A população nos olha. Sabe que somos um temível pistoleiro.” Dois pólos opostos se manifestam nesse estado: /verdade/ x /aparência/ que se revela pela manifestação do *ser* e *não-parecer*. Ele não parece piedoso, mas é. Esta transformação modal produz um resultado dramático decorrente da vontade de o sujeito *querer-ser*. Em outras palavras, produz-se um efeito de sentido passional em que o sujeito, pelo seu *desejo*, frustra-se por esperar de outro a realização das suas aspirações. O mexicano não lhe dá a chance de realizar-se como homem piedoso, mata-o.

## 2. A configuração discursiva do conto

O conto: *Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade*, apresenta alguns aspectos que se projetam nos três elementos da discursivização: a *pessoa*, o *espaço* e o *tempo*. Quer dizer, o discurso

é produzido pelo pistoleiro, o sujeito da enunciação, dentro de um espaço e tempo definidos.

Logo no início do conto, o narrador, usando a primeira pessoa do plural, situa-se numa “pequena tempo definido:

“O ano é 1880”. O narrador quer persuadir o destinatário sobre a mudança que se opera nele mesmo. O destinatário, neste conto, é o próprio narrador-protagonista. Com a finalidade de produzir um efeito de sentido mais próximo da enunciação, e, portanto, da verdade, ele narra a história em primeira pessoa do plural e se coloca como seu verdadeiro ator. Isso lhe custa uma certa desconfiança já que apela para a sua subjetividade. É tão verdadeiro isto que o enredo do conto só se conhece pela ótica do narrador-protagonista. O destinatário não tem a oportunidade de conhecer a versão das outras personagens. Observe-se como o narrador, pela sua fala, traduz os pensamentos dos outros: “A população... sabe que somos um temível pistoleiro... Vê muitas mortes em nossos olhos. É o que ele vê. Pobre Alonso... Agora está aterrorizado.”

Para imprimir uma feição de realidade ao discurso, o narrador o situa num espaço real e num tempo real: “Estamos *num bar de uma pequena cidade do Texas. O ano é 1880.*” Ora, a figura do *pistoleiro* se compreende no contexto espacial do Texas e no período relativo a 1880. Remete a fatos históricos reais.

Normalmente o discurso direto constrói a ilusão do “real”. No conto de Scliar não é diferente, embora o narrador se apresente também como interlocutor. Este recurso produz um efeito de realidade mais significativo quando se constrói por meio da *ancoragem*.

A ancoragem constitui um processo de ligação do discurso aos seus três elementos: a *pessoa*, o *espaço* e o *tempo*. Se o destinatário os reconhece como “reais” ou “existentes”, o texto que a eles se refere se torna verdadeiro. É o que acontece no conto estudado. A ancoragem produz um efeito de ilusão da realidade. O destinatário imediatamente se situa no espaço ocupado pelos pistoleiros e no tempo vivido por eles. É por esta razão que o conto analisado contém um caráter verdadeiro.

Algumas figuras enfatizam o seu papel

temático. Assim, o *bar* na cidade do *Texas*, o *uísque*, o tilintar das *esporas*, *botas*, *cinturão* e *revólver* remetem para o contexto histórico-espacial do chamado “Far-West”. Há diversas marcas que estabelecem a imitação da realidade neste conto. Além das figuras citadas, a descrição do ambiente típico do “bang-bang” produz um efeito dramático singular. O “caminhar lentamente”, a provocação do mexicano, o comportamento no hotel e a disposição dos duelistas um em frente do outro, reforçam a idéia do cenário vivido no oeste americano.

A partir da figurativização, é possível reconhecer o objetivo do conto, cujas imagens permitem visualizar um mundo iconizado como verdadeiro. A recorrência às figuras estabelecidas no discurso leva a crer num mundo, cuja reiteração temática infunde no texto uma isotopia única, ou seja, a de que “pistoleiro é pistoleiro”, “bandido é bandido”. A imagem do pistoleiro “piedoso”, aparentemente, não condiz com a realidade e é esta ironia que serve de base para a definição semântica do conto de Scliar. Se o “matar” do pistoleiro é disfórico nas relações humanas, o sentimento de “piedade” manifestado por ele em relação ao mexicano e sua família é eufórico.

## Conclusão

Concluindo, no nível fundamental, pode-se dizer que a mudança de atitude do pistoleiro, de

homem mau a homem bom, constitui a essência temática do conto. Se o pistoleiro se preocupava com as mortes que efetuou no passado e com o destino da família do mexicano, caso este fosse morto no duelo, é porque reconhecia o valor do ser humano. Em outras palavras, pistoleiro também tem coração; ele não é só “temível”, ele também tem “remorsos”, portanto tem consciência.

Se esta é a intenção que Moacyr Scliar propõe, como tema do conto, ou seja, a humanização do pistoleiro, o objetivo foi alcançado.

## Bibliografia

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

———. & José Luiz Fiorin (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

SCLIAR, Moacyr. **Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade**. In: **Para gostar de ler - contos**. Vol. 9. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. P 57-58.